

Arte, identidade, território: relato de uma residência artística no Noroeste de Minas

Art, identity, territory: report of an art residency in the Northwest of Minas

Isabela Prado*

Resumo

Relato de uma residência artística em Buritis, na região Noroeste de Minas Gerais. O foco do trabalho na residência foi o resgate e a valorização da memória da cidade e seus habitantes, em um esforço para a reafirmação da identidade local. Assim, as ações buscaram envolver a comunidade por meio da coleta de relatos sobre a história da cidade e de intervenções no espaço público.

Foram executados três grupos de trabalhos: um programa na rádio local com relatos sobre a história de Buritis – episódios marcantes, personagens importantes, casos pitorescos – narrados por moradores antigos da cidade; uma série de pinturas nos muros da cidade, representando acontecimentos sobre a história e a memória de Buritis que apareceram de forma recorrente nos relatos; uma intervenção inspirada pela tradição de quando se celebravam coletivamente os casamentos na cidade, compartilhando em espaço público uma mesa de café, doces e biscoitos típicos, produzidos pelos moradores de Buritis.

A afirmação das diferenças e particularidades locais, a partir da ativação e valorização da memória da cidade e seus habitantes, contribuem para processos de reconstrução do território (simbólico), que se fazem necessários em um mundo pautado pela homogeneização e redução das características específicas que definem as identidades dos diversos lugares.

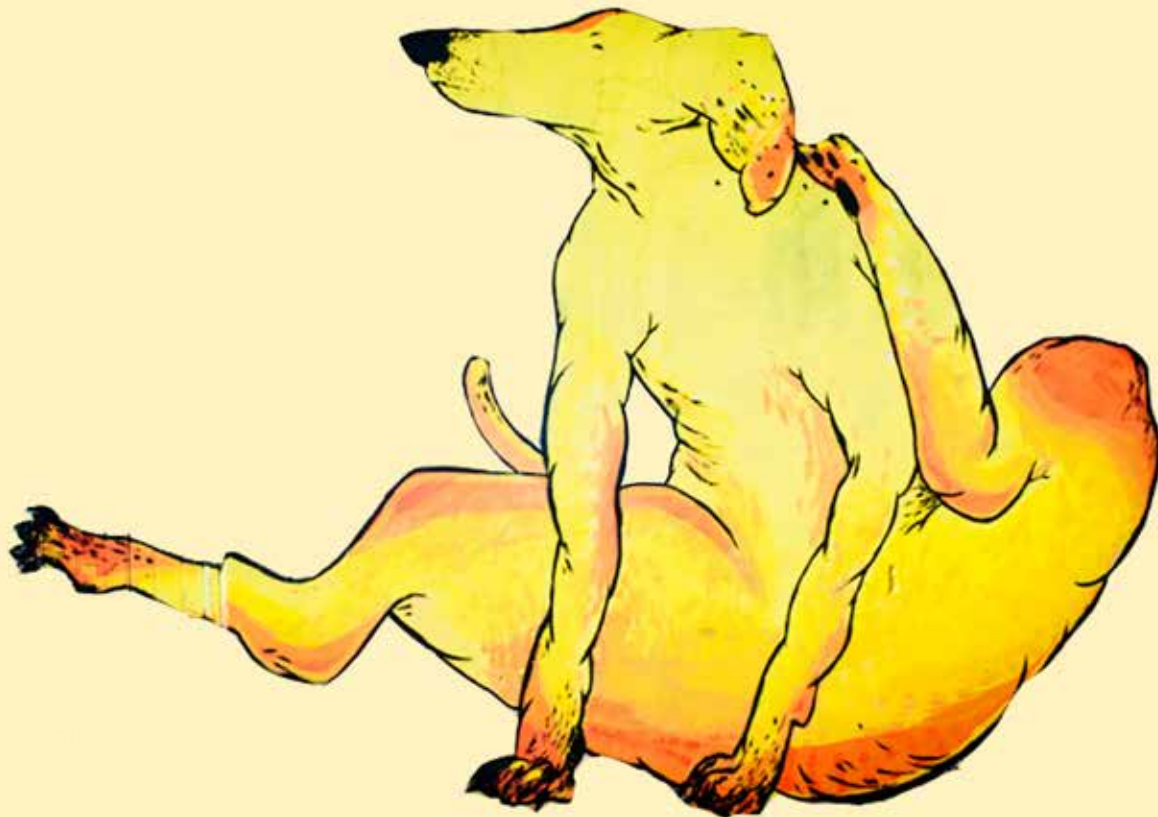
Palavras-Chave: residência artística; identidade local; território; arte contemporânea; micropolítica.

Abstract

Report of an art residency in Buritis, in the Northwest of Minas Gerais. The focus of the work at the residency was to rescue and to recover the memory of the city and its inhabitants, in an effort to reaffirm their local identity. So, the actions sought to involve the community by collecting reports on the history of the city and by promoting interventions in public space. Three groups of works were made: a program on the local radio with reports on the history of Buritis – striking episodes, important characters, picturesque stories – described by elderly residents of the city; a series of paintings on the walls throughout the city, depicting events on the history and the memory of Buritis that appeared repeatedly in the reports; an intervention inspired by the tradition of collectively celebrating weddings in the city, sharing in public space a table with coffee, sweets and biscuits, produced by residents.

The affirmation of differences and local particularities, based on the activation and enhancement of the memory of the city and its inhabitants, contribute to processes of (symbolic) territory reconstruction, which is needed in a world ruled by homogenization and elimination of specific features that define the identities of the various places.

Keywords: Art residency; local identity; territory; contemporary art; micropolitics.



Rumo ao Vale do Rio Urucuia

Em uma manhã do início de abril, estava eu sentada no chão do meu quarto, com Jorge no colo, que tinha então apenas um mês de vida. Recebo com alegria um telefonema da Yana Tamayo, com um convite (muito interessante) para participar do *Interações (Não) Distantes*, um projeto de extensão do Departamento de Artes Visuais da UnB. Yana me explicou um pouco sobre o projeto e justificou o convite com base em minhas experiências anteriores em projetos de residência artística.

Interessei-me de imediato, pois o formato proposto me atraía muito e se encaixava muito bem nas coisas que me instigavam como artista e como pesquisadora: a possibilidade de trabalhar em um local novo, desconhecido, e utilizar elementos e características do local como detonadores de um processo criativo. Claro que a questão que Yana e eu nos colocamos em seguida foi: é possível a uma recém-mãe assumir a tarefa? Eu já havia feito inúmeras coisas tendo comigo filhos pequenos e não tinha *a priori* nenhum receio em relação a isso. Além do mais, fiquei mesmo interessada com o projeto. Por isso, decidi que iria encarar o desafio e fazer a residência mesmo acompanhada por um bebê que teria então quatro meses.

Fiquei também animada em saber sobre os demais artistas participantes naquele ano: Luciana Paiva, Breno Silva e Rodrigo Borges. Apesar de cada um fazer a residência em uma cidade diferente, o *Interações (Não) Distantes* seria mais uma oportunidade de estreitar o diálogo e a troca entre nós.

Começamos então as primeiras conversas entre os artistas residentes e a equipe do projeto, para definir a cidade a ser visitada por cada um. Como eu iria acompanhada da família, recebi gentilmente a prioridade na escolha do local. Meu desconhecimento em relação às quatro cidades do projeto era total, então isso não seria um critério de escolha. Comecei a

pesquisar sobre a localização, as características, o tamanho de cada uma. Busquei imagens aéreas, fotos, depoimentos. E acabei escolhendo Buritis, no Noroeste de Minas. Cidade pequena, em região de cerrado, cortada por um rio. Localizada em Minas Gerais, mas relativamente próxima a Brasília – de onde se gastaria três horas de carro até Buritis.

Uma vez definido o local, a questão crucial seria como conduzir a experiência. Não tinha muita clareza sobre o que me aguardava, devido ao meu desconhecimento prévio da cidade e do perfil dos participantes. De todo modo, meu ponto de partida já estava dado, como em experiências anteriores de residência: deveria



deixar-me guiar pela vivência na cidade, deixar que as ideias surgissem a partir das características do local e dos envolvidos no projeto.

Como de outras vezes, o trabalho seria conduzido pela experiência no território –definido, em uma dimensão simbólica, a partir de aspectos de sua cultura, história, memória, associados à noção de uma identidade local. Assim, a residência se concretizaria à medida que o contato com Buritis e com as pessoas de lá se aprofundasse, o que daria origem às ações que iríamos desenvolver.

Intuitivamente, eu estava buscando aquilo que algum tempo depois viria a reconhecer em um texto de Harvey (1993): o resgate das identidades locais, a partir das diferenças e particularidades de cada região, como uma ação (micro)política, cada vez mais necessária frente à globalização e à consequente homogeneização do território¹.

Desta forma, eu percebia o trabalho na residência como uma espécie de via de mão dupla. A memória, a cultura, as características da cidade eram o ponto de partida e a matéria prima a partir da qual se desenvolveriam as ações e intervenções, mas ao mesmo tempo essas próprias ações contribuiriam para resgatar ou reforçar as características e a identidade local (PRADO, 2016).

O contato virtual com os alunos durante o período não-presencial do projeto permitiram construir minhas primeiras impressões. Encontraria um grupo reduzido de alunos, com perfil bem heterogêneo: idades variadas, interesses diversos, diferentes experiências e relações com a arte. Percebi que trabalhar, pelo lado afetivo, a percepção de cada um em relação à cidade seria um denominador comum dentro do grupo, e que permitiria uma aproximação entre os alunos.

[1] “The elaboration of place-bound identities has become more rather than less important in a world of diminishing spatial barriers to exchange, movement and communication” (HARVEY, 1993, p. 4)

Minha expectativa então era grande, e estava muito animada com os desafios e as possibilidades de uma residência em Buritis. A inusitada presença das emas que avistamos na estrada foi uma surpresa encantadora, que nos fez parar e fazer as primeiras fotos. Seguindo viagem, o lindo pôr-do-sol que presenciamos na descida da serra em nossa chegada à cidade foi um belo cartão de boas vindas – prenúncio da calorosa acolhida que nos aguardava e que deu o tom de toda a residência.

Da conversa, para o desenho, para o rádio, para o muro, para a mesa

Chegamos a Buritis ao anoitecer. Havia pouca gente nas ruas e já não se conseguia identificar bem os lugares por onde passávamos. Fizemos a opção de alugar dois quartos em uma casa de moradores do local, para onde seguimos assim que entramos na cidade, pois desta forma estaríamos mais próximos do convívio com o cotidiano dos habitantes de Buritis. Depois da recepção carinhosa e acolhedora que tivemos ao chegar, veio a certeza de que eu, viajando com toda a família, tinha feito a escolha certa. Passaríamos os dez dias seguintes na casa de Vanizete, plenamente integrados ao cotidiano de Buritis, quase como se lá fosse mesmo nossa casa.

[E que delícia de casa! Com direito a cachorro, quintal, e café da manhã na varanda dos fundos! Para uma família de apartamento, ter todo esse espaço e o ritmo de cidade de interior foi um presente!]

Depois de instalados, fomos a um lugar característico da cidade, com mesas e cadeiras na calçada para um churrasquinho, e conhecemos mais alguns moradores de Buritis.

Na manhã seguinte, com a luz do dia, começamos a nos situar melhor, conhecendo a casa, os arredores, os hábitos e a rotina

do lugar. A vida acontecia em outro ritmo, o de cidade do interior, onde tudo tem seu tempo. Ainda assim, eu seguia com a cabeça sempre a mil, pensando estratégias e propostas para a residência.

O primeiro encontro com o grupo de alunos aconteceu à tarde, no Polo Universitário da UAB. A composição do espaço era interessante, pois as salas de aula ficavam em torno de um gramado central, que desde o primeiro dia se configurou como área de convívio e trabalho do nosso grupo. Alternávamos, assim, momentos de aula expositiva dentro de sala e momentos de *brainstorming*, bate-papo e intervalo para lanche no gramado.



Após uma apresentação geral, quando todos falaram sobre suas experiências anteriores e seus interesses em relação ao projeto, falei um pouco sobre minha trajetória como artista e apresentei uma proposta para iniciarmos um trabalho coletivo. A ideia inicial é que parte das aulas acontecesse no Polo – aulas expositivas em que eu mostraria inicialmente a produção de artistas contemporâneos cujos trabalhos fossem *site-specific* ou *context-specific* (KWON, 2008) e que, portanto, dialogassem de certa forma com os projetos que desenvolveríamos na residência. E haveria sempre um segundo momento em que se conversaria sobre Buritis, fazendo o mapeamento da cidade e buscando pontos de interesse que servissem como ponto de partida e inspiração para o desenvolvimento das ações do projeto.

No final do primeiro dia, os alunos iniciaram a execução de mapas “afetivos” de Buritis, demonstrando as relações que estabeleciam com a cidade, seus caminhos, e os locais que frequentavam. Conversamos sobre os mapas e trocamos impressões sobre o que cada um havia feito, o que levantou em alguns o interesse em refazer algumas partes dos mapas e acrescentar novos elementos.

O segundo dia de atividades no Polo se iniciou com mais uma aula expositiva, em que segui mostrando outros projetos e trabalhos de artistas que lidam com situações específicas, ou trabalhos desenvolvidos para locais específicos. Fui conhecendo cada vez mais os alunos e percebendo a diversidade etária, de históricos, de relação com as artes. Havia desde o artista tradicional, pintor de cavalete, ao jovem interessado em quadrinhos e em grafite.

Além disso, foi ficando cada vez mais evidente a grande diferença de perfis entre os alunos de Buritis e os que vieram de Brasília, alunos do curso de Artes Visuais da UnB. Estes já estavam inseridos em uma trajetória artística a partir da



universidade, com uma visão já mais formada, e já tinham boas habilidades de desenho e representação.

Ao mesmo tempo, esses alunos da UnB vinham de uma vida completamente urbana, e eram descolados da realidade local. Por isso, a relação que estabeleceram inicialmente com a cidade de Buritis foi muito rica. Eram movidos pela curiosidade e pela busca a se adequar ao cotidiano local, em suas formas de locomoção, alimentação, em suas incursões pela cidade.

Ficaram todos alojados na casa do projeto Pró-Jovem em Buritis, que se tornou um ponto de confluência da residência, pois era o local onde todos nós “forasteiros” almoçávamos e que todos os alunos locais também frequentavam. Era uma casa agradável, com quintal, onde nos reuníamos para conversar e planejar as ações a realizar.

Os alunos de Buritis, por outro lado, vinham de outra experiência e percepção de vida, de cotidiano, de valores. Tinham uma bagagem muito menos cosmopolita e uma visão mais tradicional em relação à arte, o que enriquecia e trazia diversidade ao corpo de alunos.

Desde o início, percebi nessas diferenças um grande potencial de troca no convívio entre os dois perfis de participantes. Por isso, sempre insisti que os grupos formados para as atividades da residência fossem mistos, incluindo alunos locais e de Brasília, com o intuito de estimular as trocas de experiências e promover “contaminações” recíprocas.

Ao mesmo tempo em que alguns dos alunos seguiam com a revisão dos mapas “afetivos” da cidade, passamos a buscar fotos, antigas ou recentes, que ilustrassem os elementos mais presentes – locais de maior interesse ou aspectos peculiares da cidade, lembrados pelas pessoas em seus mapas. Os alunos abordavam os amigos e familiares à procura de fotos antigas,



que registrassem lugares e/ou cenas de acontecimentos marcantes ou pitorescos da história da cidade. Essa busca de fotos teve pouco sucesso, pois nesse primeiro momento não conseguimos quase nenhuma imagem. Mas, em meio à explicação do que buscavam e pretendiam com esse material, as pessoas se lembravam de casos interessantes e começavam a relatar... “ah, não tenho foto não, mas teve este caso...”.

Assim, a pesquisa em si gerou frutos interessantes, pois serviu como estímulo para que as pessoas de Buritis – especialmente das gerações mais velhas – comessem a se lembrar de aspectos do passado e a recontar episódios que haviam vivido ou dos quais tinham ouvido falar.

Daí, relatos foram surgindo espontaneamente, com a história e estórias sobre a cidade. Percebi grande potencial nesses relatos como matéria prima para as ações da residência, mais ainda considerando a ausência de documentação fotográfica, com foco no resgate da memória e valorização da identidade local. Passamos a coletar os depoimentos de forma mais sistemática, gravando o áudio e registrando algumas imagens das conversas, buscando ouvir principalmente pessoas com longa história de vida em Buritis e que eram tidas como detentoras de parte da memória e da história oral da cidade.

A partir dos relatos, ficou claro que alguns dos elementos importantes e recorrentes eram o jatobá, o rio Urucuiá e as festas de casamento de antigamente. Apareceram também episódios pitorescos, mas marcantes para a história de Buritis, como a chegada do primeiro caminhão na cidade, a passagem do primeiro avião, a chegada da energia elétrica (e a imediata descoberta dos picolés!).

Os relatos que coletamos acabaram se tornando o principal ponto de partida para os trabalhos que foram desenvolvidos durante o período da residência. Após diversas conversas,



decidimos prosseguir em duas frentes principais. A primeira delas foi a compilação dos relatos mais interessantes e dos casos mais recorrentes em um áudio, que serviria como matéria prima para a produção de um programa de rádio a ser veiculado em uma emissora local. “Estórias de Buritis”, como foi chamado o programa, traria trechos desses depoimentos que foram coletados sobre a história da cidade.

A ideia original era que fosse gerado um programa piloto, com alguns minutos de duração, e que pudesse servir de modelo para outros programas a serem realizados pelos próprios alunos do Polo de Buritis. Uma espécie de semente, que poderia gerar desdobramentos após a nossa partida, mantendo viva a preocupação com a história e a memória do local.

[Desde o início da residência, esse ponto ficava latente. A intenção era que a residência gerasse a percepção na comunidade de que era possível a continuidade de projetos, desde que conseguissem se organizar com um foco objetivo de ação; de que não era imprescindível a atuação de um órgão “maior” e “externo” para que bons projetos acontecessem na cidade.]

Para a produção do programa piloto na rádio, decidimos em conjunto quais depoimentos seriam incluídos e sobre características da edição do material – já que tínhamos horas e horas de relatos gravados. O pessoal da rádio local também participou conosco na edição final, na escolha do título, nas definições sobre duração e horários de transmissão do programa. E ficamos responsáveis pela narração e vinhetas que foram incluídas na versão que iria ao ar.

No último dia antes do encerramento da residência, foi transmitido pela primeira vez, pela Rádio Transamérica de Buritis, o programa com alguns trechos dos relatos sobre a história da cidade. Por alguns minutos, todos os que estávamos

no Pró-Jovem ficamos quietos, mudos, ao pé do rádio, ouvindo aquelas estórias deliciosas que nos haviam encantado e impressionado desde o primeiro momento.

Foi impossível não se emocionar. Encantados em escutar novamente aqueles casos curiosos e ao mesmo tempo felizes pela realização do desejo de ver estes relatos ganharem espaço e entrar na casa, no carro, na loja de cada um que estivesse escutando a rádio local naquele momento.

Outro grupo de intervenções originado a partir dos relatos sobre Buritis foi a execução de trabalhos em pintura nos muros da cidade. Essas ações responderam a um desejo do grupo de representar visualmente alguns dos elementos que apareceram nos relatos, e que vinham sendo ilustrados nos cadernos de anotações de alguns dos alunos, já que quase não havia registro fotográfico sobre o passado de Buritis. E a forma final do projeto foi fruto do interesse dos próprios alunos, já que vários deles tinham algum envolvimento com a pintura, desde a representação mais tradicional ao grafite.

Inicialmente, procuramos definir uma paleta de cores, para gerar unidade entre os trabalhos. As pinturas seriam prioritariamente feitas em tons de cinza, acrescentando uma única cor (em geral, vermelho). Além disso, foi produzido um símbolo gráfico do *Interações (Não) Distantes – Buritis*, que passou a ser usado como uma assinatura coletiva, que identificaria os trabalhos produzidos pelo grupo de participantes da residência. O símbolo incluiu o desenho de um cachorro, que se tornou a mascote do grupo e uma espécie de marca da cidade. Isso porque a grande presença de cachorros nas ruas, e todos os casos que escutaram sobre esses animais, chamou a atenção dos “estrangeiros” como uma característica marcante de Buritis e foi o tema da primeira pintura feita espontaneamente por alguns alunos em um muro da cidade, com ótima aceitação pela comunidade local.



Para a execução desse projeto, pudemos colocar mais uma vez em prática a ideia de trabalhar coletivamente, tirando proveito da heterogeneidade do grupo e explorando o potencial de trocas e influências entre os alunos de Brasília e os de Buritis. Realizamos uma oficina de desenho no Polo Universitário, na qual discutimos e definimos coletivamente os temas a serem representados, e iniciamos a produção das imagens. Algumas das estórias que se destacaram e entraram em nossa seleção foram a da chegada do primeiro caminhão na cidade, do primeiro avião, da suposta passagem de Lampião e seu bando por Buritis, e da Dona Domingas – parteira que atendia à cidade em décadas passadas. Outro tema recorrente foi o Rio Urucuia, o que era de se esperar, pois já havíamos percebido a importância do rio na história e no cotidiano da cidade.

Foi um desafio interessante pensar o desenho como ilustração das “estórias”, partindo do relato dos moradores e sendo interpretado pelos alunos da residência a partir da visita a alguns dos locais e do imaginário dos próprios alunos.

[Desde o início da residência, sugeri aos alunos que mantivessem um caderninho para pequenas notas e desenhos de fatos, locais, etc. Então, naturalmente, pouco a pouco, já tínhamos um desenho do jatobá, um desenho do cachorro, da bicicleta... Cenas relevantes da cidade, do convívio e dos relatos.]

Neste caso, não só a escolha dos temas foi feita pelo grupo, mas a própria execução dos desenhos foi compartilhada, com várias pessoas interferindo no mesmo desenho. Os alunos se



agruparam e de certa forma mesclaram / fundiram detalhes do desenho de um com do outro para compor as cenas, de modo que a autoria de cada imagem se tornou de fato coletiva.

Em seguida, saímos à procura dos espaços na cidade que pudessem abrigar as intervenções. Vários moradores se prontificaram a oferecer muros em casas ou lotes vagos, onde poderíamos executar as pinturas, o que também foi interessante na medida em que aumentou o envolvimento da comunidade local com os projetos desenvolvidos na residência.



Uma vez preparados os desenhos e definidos os locais de execução, as imagens originais foram escaneadas e projetadas nos muros para a realização das pinturas. Também aqui tivemos integração entre os alunos de Brasília e de Buritis, e autoria coletiva dos trabalhos. A transposição dos desenhos para os muros foi feita a várias mãos, e também foram feitas interferências por vários dos alunos ao longo do processo, acrescentando elementos novos à imagem final.

Em um dos desenhos, representando o primeiro caminhão a chegar a Buritis, decidimos executar uma impressão de lambe-lambe, a partir do interesse dos alunos em explorar técnicas diversas. Assim, a imagem original foi ampliada e dividida em várias impressões P&B, tamanho A3, e depois aplicada em um muro. O trabalho foi completado com pintura diretamente sobre a impressão.



Estávamos em pleno processo de execução e elaboração conceitual do projeto, tudo ao mesmo tempo, tudo muito intenso. Precisávamos do dia para organizar cronogramas, rever locais, desenhos, retirada de doação de materiais, autorizações etc. Precisávamos da noite para o uso do projetor e para melhor visualizar os desenhos. O grupo todo se envolveu muito e trabalhava dia e noite. Cada amanhecer trazia algo novo nos muros da cidade. O bar e restaurante Phoenix, que já era ponto de encontro do grupo no início da noite, virava também local para conversar sobre as ideias de forma descontraída, olhar os desenhos de cada um e elaborar um pouco mais cada ação. A partir do encontro no Phoenix, o grupo se organizava para a produção noturna, e atravessava a madrugada trabalhando.



Por fim, havia ainda o tema dos casamentos coletivos de antigamente, que apareceu recorrentemente nos relatos e por isso merecia ser incluído em nossas ações, mas que não havia entrado na seleção de imagens para as pinturas. Naquela época, não havia um padre residente em Buritis e, dado o isolamento geográfico da cidade, seu acesso se dava percorrendo mais de quatrocentos quilômetros a cavalo. Assim, os casamentos aconteciam de forma coletiva, quando da visita de um padre à cidade, sendo festejados com uma grande mesa também coletiva de café, doces e biscoitos. Decidimos então resgatar essa forma de celebração no evento de encerramento da residência.

Assim, foi escolhido um terreno vago no centro da cidade, com piso de terra e uma árvore enorme, que o tornava simpático e acolhedor, em frente a um dos muros que recebeu uma das pinturas – um retrato da parteira Dona Domingas. Nele foi montada uma mesa de doces, com o tão falado biscoito de vidro – que uma das moradoras sabia a receita e se ofereceu para fazer – doces e compotas oferecidos pelos moradores, e café, como se fazia naqueles casamentos.

Toda a comunidade de Buritis foi convidada a escutar o programa com os relatos na rádio Transamérica, a passear pela cidade e ver os depoimentos se tornando imagens nos muros da cidade e a comparecer ao evento de encerramento e compartilhar a mesa coletiva de café e biscoitos, como nos casamentos. Tivemos a participação de inúmeros moradores de Buritis, de alunos e professores do Polo, do prefeito e alguns secretários, e até a presença ilustre da Dona Domingas! Acolhidos pela árvore no lote vago, fizemos uma pequena apresentação sobre o projeto, mostramos algumas imagens do processo, e agradecemos a toda a comunidade local pelo envolvimento e pelo apoio.

Foi uma bela celebração para o encerramento da residência... e que trouxe a hora da despedida. E despedidas são sempre



difíceis. Afinal, foram dez dias muito intensos, de grande envolvimento e intimidade com a cidade e as pessoas de lá. Em Buritis, minha dedicação à residência era de 24 horas por dia, sete dias por semana. A família também se integrou ao projeto, às pessoas, ao Polo, à cidade. Pelo que percebo hoje, com o benefício do tempo, foi uma experiência única, para mim, para todos os alunos que participaram, e para a própria cidade.

E assim se constituiu o esforço para a afirmação das diferenças e particularidades locais, a partir da ativação e valorização da memória da cidade e seus habitantes. Mais do que nunca, tais movimentos de reconstrução do território (simbólico) se fazem necessários face a um processo de homogeneização e redução das características específicas que definem as identidades dos diversos lugares.

Que suas sementes continuem germinando no futuro!

* [Isabela Prado](#) Isabela Prado é artista visual, pesquisadora em artes e professora da Escola de Design / UEMG. Graduada em Gravura e Desenho pela UFMG, e Mestre em Artes Visuais pela Indiana University (EUA). Participou de vários programas de residência artística em diversos países, como Casa 13 (Argentina), Capacete (Brasil), Ja.Ca (Brasil), Ragdale Foundation (EUA), Shatana Workshop (Jordânia), Al Mahatta (Palestina). Seus trabalhos têm sido apresentados em exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Desenvolve pesquisas no campo das artes visuais e teve textos publicados em periódicos, como a Revista Tatuí e a Revista da UFMG, livros e catálogos de exposições. Em 2011, foi contemplada com o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea, com o projeto “Entre Rios e Ruas”, que gerou recentemente a publicação do livro “Lição: se essa rua fosse um rio” (2016).

Referências

HARVEY, David. From space to place and back again: reflections on the condition of postmodernity. In: Bird, J. *et al. Mapping the Futures: Local Cultures, Global Change*. London: Routledge, 1993.

KWON, Miwon. Um lugar após o outro: anotações sobre *site-specificity*. *Revista Arte & Ensaios*, n. 17, 2008 [1997].

PRADO, Isabela. Arte contemporânea, texturas, território. In: Rena, N., Oliveira, B. e Cunha, M. (orgs). *Arte e Espaço: uma situação política do século XXI*. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2016.